

A CRISE ECONÔMICA E A MORTALIDADE DE EMPRESAS BRASILEIRAS NO PERÍODO 2014-2020

Poliana Lima Taveira¹
Sara Pereira da Silva²

Resumo. O objetivo desse trabalho foi avaliar o impacto da crise econômica sobre a mortalidade das empresas no Brasil. Por meio da revisão bibliográfica e da pesquisa documental, o estudo abordou o empreendedorismo no Brasil e mostrou que o país está entre aqueles mais empreendedores do mundo, ao mesmo tempo em que lidera o *ranking* quando o assunto é a mortalidade de empresas. A partir de dados estatísticos, o estudo também mostrou que no período 2014 – 2020, em virtude da crise econômica, o Brasil viveu um aumento substancial do fechamento de empresas. A conclusão foi que a crise econômica impactou sobre a mortalidade das empresas em geral, mas com maior ênfase sobre as Microempresas, o que é preocupante, sobretudo porque elas são responsáveis por grande parte dos postos de trabalho formais no país, além de contribuírem para a geração do Produto Interno Bruto e para a arrecadação tributária do governo.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Nascimento de empresas; Crise econômica; Mortalidade de empresas; Microempresa.

Abstract. The economic crisis and the mortality of Brazilian companies in the mortality. The objective of this work was to evaluate the impact of the economic crisis on the mortality of companies in Brazil. Through a bibliographical review and documentary research, the study addressed entrepreneurship in Brazil and showed that the country is among the most entrepreneurial in the world, at the same time that it leads the ranking when it comes to company mortality. Based on statistical data, the study also showed that in the period 2014 - 2020, due to the economic crisis, Brazil experienced a substantial increase in company closures. The conclusion was that the economic crisis an impact on the mortality of companies in general, but with greater emphasis on microenterprises, which is worrisome, especially since because they are responsible for a large part of the formal jobs in the country, in addition to contributing to the generation of the Gross Domestic Product and to the government's tax collection.

Keywords: Entrepreneurship; Enterprise Birth; Economic Crisis; Enterprise Mortality; Microenterprise.

Resumen. La crisis económica y la mortalidad de las empresas brasileñas en el período 2014-2020. El objetivo de este trabajo fue evaluar el impacto de la crisis económica en la mortalidad de las empresas en Brasil. A través de una revisión bibliográfica e investigación documental, el estudio abordó el emprendimiento en Brasil y mostro que el país está entre los más emprendedores de mundo, al mismo tiempo que lidera el *rankng* en cuanto a mortalidade empresarial. Con base en datos estadísticos, el estudio también mostró que en el período 2014 – 2020, debido a la crisis económica, Brasil experimentó un aumento sustancial en el cierre de negocios. La conclusión fue que la crisis económica incidió en la mortalidad de las empresas en general, pero con mayor énfasis en las Microempresas, lo cual es preocupante, sobre todo porque ellas son responsables de gran parte de los empleos formales del país, además de contribuir a la generación del PIB y a la recaudación.

Palabras llave: Emprendimiento; Nacimiento de empresas; Crisis económica; Mortalidad empresarial; Microempresa.

¹ Tecnóloga em Gestão Comercial pela Faculdade de Tecnologia de Santana de Parnaíba. E-mail: poliana.taveira@fatec.sp.gov.br.

² Tecnóloga em Gestão Comercial pela Faculdade de Tecnologia de Santana de Parnaíba. E-mail: sara.silva35@fatec.sp.gov.br.

1 Introdução

O Brasil é considerado um país empreendedor, com um número expressivo e crescente de novas empresas a cada ano. Esse processo contrasta, porém, com um elevado índice de mortalidade das empresas que são abertas, causado por vários fatores, entre os quais se destacam o ambiente de negócios e as características empresariais, cujas sequelas vão da perda de recursos à frustração, tristeza e mágoa. Para complicar ainda mais a vida dos empreendedores, nos últimos anos o Brasil viveu um penoso processo de crise econômica, caracterizada pela forte desaceleração do Produto Interno Bruto (PIB) e aumento do desemprego, sendo neste contexto que se insere o problema que esta pesquisa buscou enfrentar, tal seja, avaliar se a crise econômica impactou sobre a mortalidade das empresas, tomando por base o período 2014 - 2020.

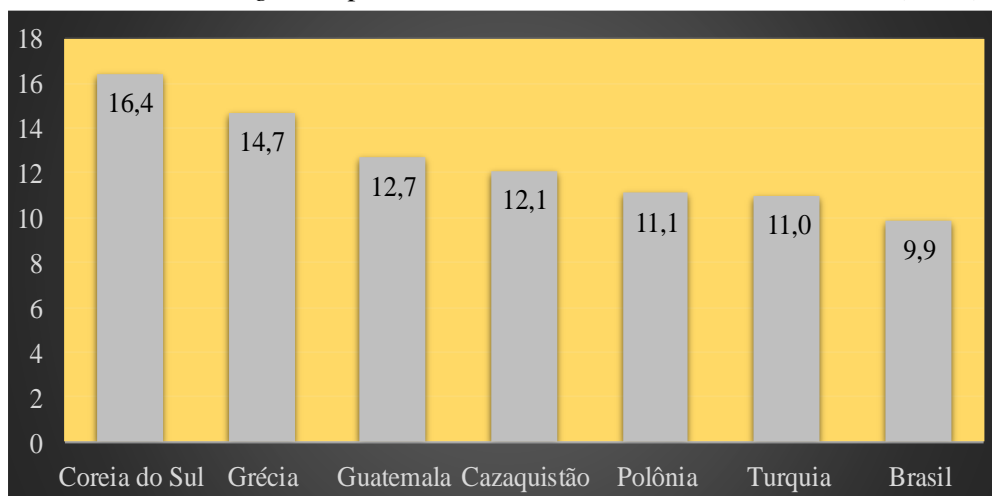
As técnicas utilizadas para o desenvolvimento do trabalho foram a pesquisa bibliográfica, com leitura de livros e artigos especializados, e a pesquisa documental, com estatísticas divulgadas na internet e em publicações especializadas de órgãos públicos e de entidades privadas. Além da introdução e das considerações finais, o trabalho foi organizado em duas partes: a primeira com o estado da arte do empreendedorismo no Brasil, contemplando abertura e mortalidade empresarial; a segunda com as características e as consequências das crises econômicas e com o impacto da crise vivida pelo Brasil no período 2014 – 2020 sobre o fechamento de empresas.

2 Os desafios do empreendedorismo no Brasil

O Brasil é considerado um país empreendedor. O instinto por manter suas necessidades faz com que a adaptação de uma nova estrutura de emprego passe a ser o pontapé inicial para criação de empresas que garantem o sustento de muitas famílias do país. Uma pesquisa do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, apud SEBRAE, 2022, p.1.) apurou que 46% dos brasileiros adultos sonham em ter seu negócio próprio, o que coloca o Brasil na 7^a posição no *ranking* do empreendedorismo estabelecido³, conforme apresentado no Gráfico 1.

³ De acordo com o estudo supracitado, empresas estabelecidas seriam aquelas com mais de 3,5 anos de operações. Feita com os 50 países mais empreendedores do mundo, a pesquisa revelou que o Brasil subiu 6 posições no ranking nos dois últimos anos, já que em 2020 ocupava a 13^a posição (GEM apud SEBRAE, 2022., p. 4).

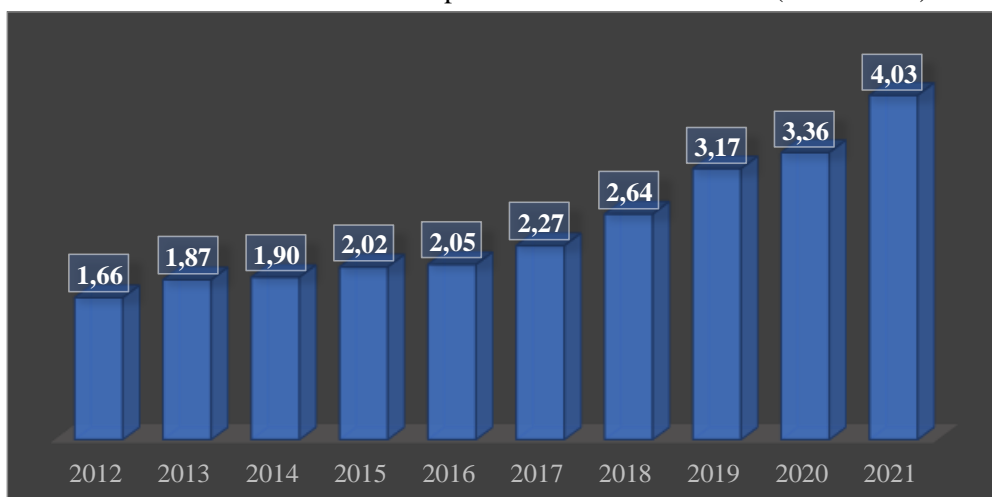
Gráfico 1 – *Ranking* de empreendedorismo estabelecidos no ano de 2021 (em %)



Fonte: GEM apud SEBRAE (2022, p. 4).

O Gráfico 2, por sua vez, mostra a evolução do empreendedorismo no Brasil do ponto de vista da abertura de novas empresas, segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio e Serviços (MDICS). Como pode ser visto, em 2012 foram criadas 1,66 milhão de empresas no Brasil. Em 2021, o número de empresas abertas no país saltou para 4,03 milhões. Um crescimento anual médio da ordem de 9,8% durante o período.

Gráfico 2 – Nascimento de empresas - Brasil 2012 – 2021 (em milhões)



Fonte: MDICS (2023, p. 3).

Em função deste crescimento do número de novas empresas, o Brasil alcançou a marca de 19.228.025 empresas em novembro de 2021. Como ilustram os dados da Tabela 1, deste total, 51% eram Microempreendedores Individuais (MEI), 39% Micro e Pequenas Empresas (MPE) e 10% de Médio e Grande Porte (MGP). Como mostram os dados da Tabela 2, os setores de serviços e de comércio são os que têm os maiores números de empresas com 44,94% e 34,39%, respectivamente.

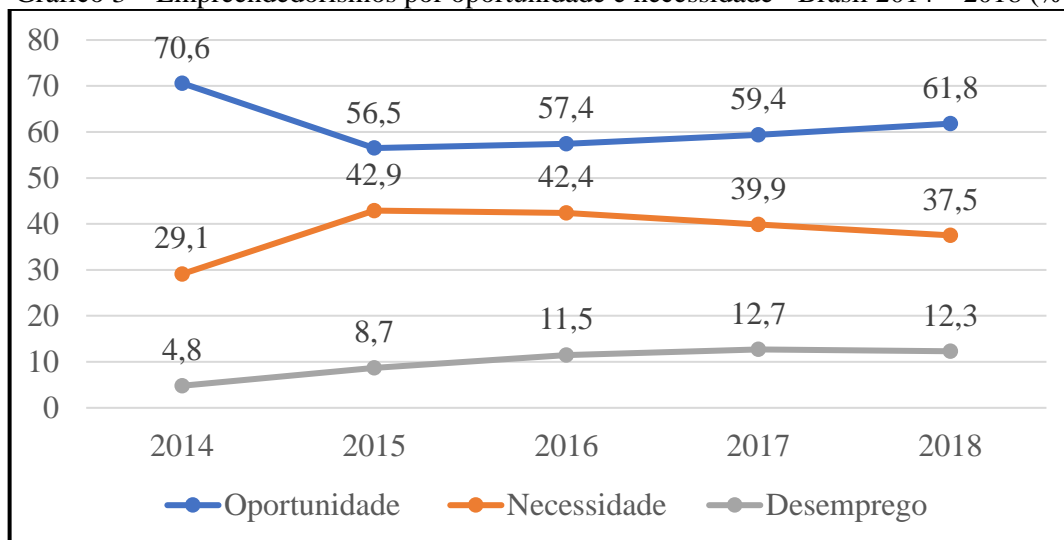
Tabela 1: Número de empresas por porte – Brasil – novembro – 2021

Por porte de empresas			Por setores		
Porte	Empresas	%	Grandes Setores	Empresas	%
Microempreendedor Individual	9.810.483	51,02	Serviços	8.641.860	44,94
			Comércio	6.612.605	34,39
Micro e Pequenas Empresas	7.482.833	38,92	Indústria	1.908.250	9,92
			Construção Civil	1.367.636	7,11
Médio e Grande Porte	1.934.709	10,06	Agropecuária	697.674	3,63
Total	19.228.025	100,00		19.228.025	100,00

Fonte: RFB/DATASEBRAE apud Santos et. al. (2022, p. 116).

Os dados do Gráfico 3 mostram que no período 2014 – 2018, a % de empreendedores por oportunidade é maior que aqueles que empreendem por necessidade. Ademais, é possível observar que a proporção de empreendedores por oportunidade cresceu em comparação àquela por necessidade, exceto de 2014 para 2015. Em outras palavras, mesmo em um contexto de desemprego, o empreendedorismo por oportunidade tem se sobressaído em comparação ao empreendedorismo por necessidade, o que mostra um certo amadurecimento do tema no Brasil.

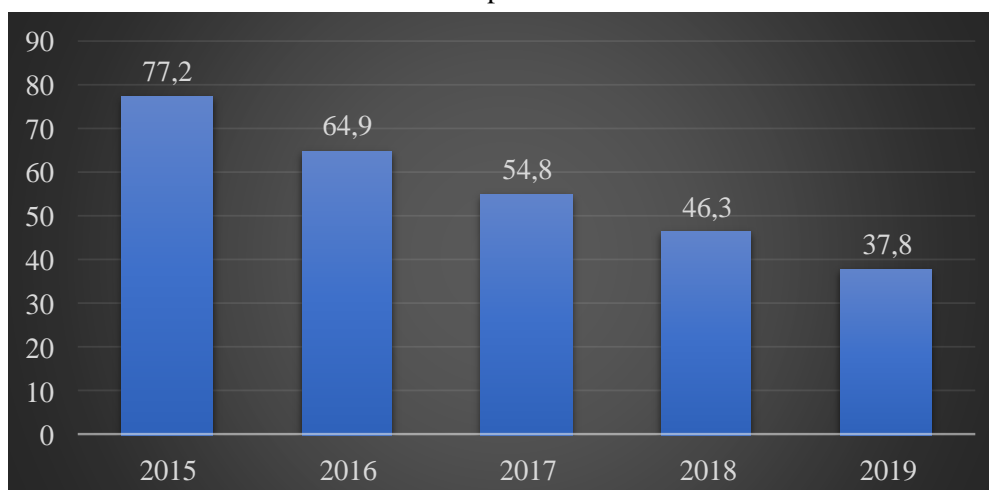
Gráfico 3 – Empreendedorismos por oportunidade e necessidade - Brasil 2014 – 2018 (%)



Fonte: Adaptado GEM/IBQP (2018, p. 12); IBGE/PNADCT (2023, tab. 4097).

Novas empresas surgem a cada ano, mas muitas delas não conseguem se manter no mercado. Apesar do crescente do número de novos negócios, os índices de mortalidade precoce das empresas brasileiras são altíssimos, “comprometendo o maior sucesso das estatísticas” (Ferreira Neto; Pinheiro, 2019, p. 40). “Mesmo ocupando a sétima posição como país empreendedor, o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking de países que mais fecham empresas” (IBGE/DEEE, 2022, p.s.n.).

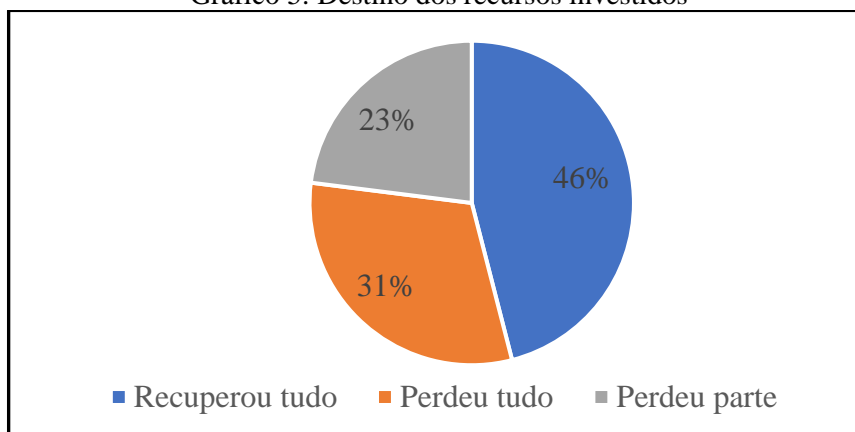
Gráfico 4 – Taxas de sobrevivência das empresas nascidas em 2014 – Brasil 2015 – 2019



Fonte: IBGE apud Vieceli (2021, p.s.n.).

Realmente, o fechamento de empresas no Brasil é muito grande. Basta ver os números do Gráfico 4, com dados do SEBRAE, que mostram a taxa de sobrevivência das empresas com no máximo cinco anos de existência. Ao que se vê, em 2019, a taxa de sobrevivência das empresas criadas cinco anos antes, em 2014, era de 37,8%. Fato é que de cada 100 empresas criadas em 2014, 68 tinham fechado as portas em 2019; uma queda vertiginosa, portanto, na taxa de sobrevivência das empresas brasileiras.

Gráfico 5: Destino dos recursos investidos

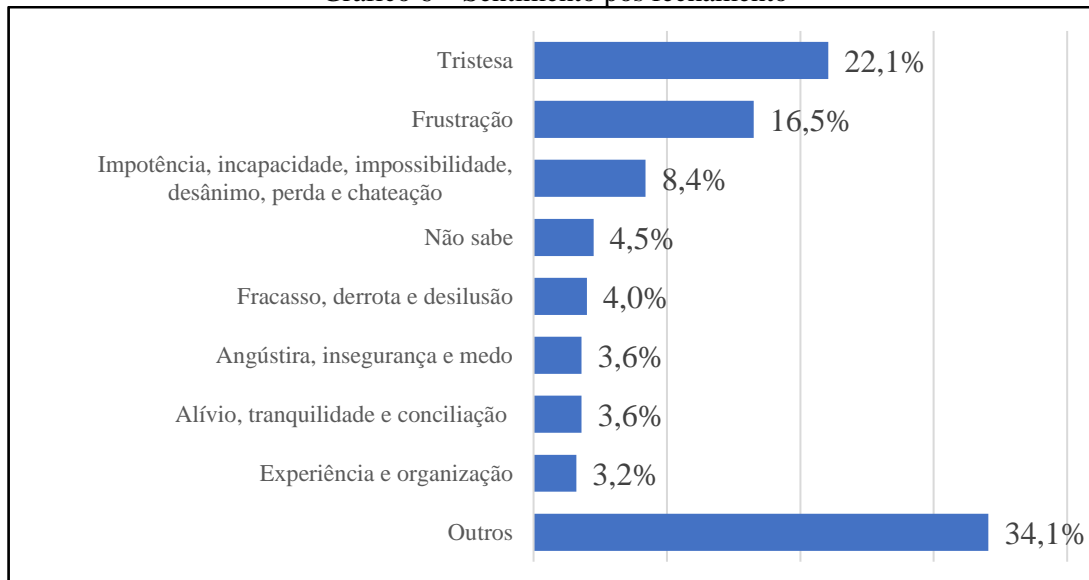


Fonte: Adaptado de SEBRAE (2014, p. 35).

Do lado dos empreendedores ficam as sequelas, a começar pela perda de recursos. É o que aponta pesquisa do SEBRAE, cujos dados encontram-se dispostos nos Gráficos 5 e 6. Como pode ser visto no Gráfico 5, 31% dos empreendedores que falem perdem tudo o que investem; 23% perdem parte e apenas 46% recuperam o que investiram. Além das perdas financeiras, restam as sequelas emocionais. Como pode ser visto no gráfico 6, 22,1% dos entrevistados pelo SEBRAE alegaram sentir tristeza ao fecharem a empresa, 16,5% frustração, 8,4% impotência, incapacidade, impossibilidade, desânimo, perda e chateação, 4,0% fracasso, derrota e desilusão

e 3,6% angústia, insegurança e medo. 34,1% sentiram outras emoções semelhantes às anteriormente e 4,5% declararam não saber a emoção ao encerrarem as atividades.

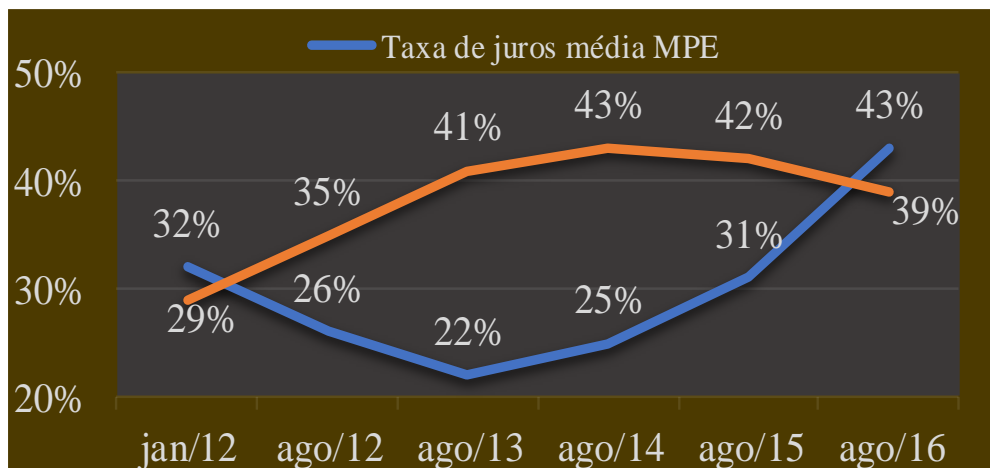
Gráfico 6 – Sentimento pós fechamento



Fonte: Adaptado de SEBRAE (2020a, p. 48 - 49).

Entre as causas do fechamento das empresas, um fator predominante são as taxas de juros altíssimas, visto que os empresários não conseguem empreender e desenvolver suas atividades. As taxas elevadas de juros dificultam as operações de crédito, especialmente para as MPEs, que apontaram esse fator como o principal empecilho para ter empréstimos no Brasil (SEBRAE, 2017). O Gráfico 7 ilustra o fato: como pode ser visto, a curva da taxa média de juros paga pelas MPE tem trajetória oposta à parcela das empresas com operações de créditos ativas; ou seja, à medida que os juros sobem, as operações de crédito por parte das empresas diminuem, e vice-versa.

Gráfico 7: Taxa de juros e operações de crédito das Micro e Pequenas Empresas



Fonte: SEBRAE/BCB apud Santos et. al. (2022, p. 10).

Não por acaso, pesquisa realizada pelo SEBRAE, que identificou os auxílios que poderiam evitar o fechamento precoce das empresas, indicou que para 34,4% dos entrevistados, o crédito mais facilitado poderia ter evitado o fechamento precoce da empresa, já que os empresários, geralmente não possuem recursos suficientes para manter o negócio, de modo que contam com empréstimos. Como demonstram os dados do Gráfico 9, baseados na referida pesquisa, a falta de clientes e a carga excessiva de impostos também são apontados como vilões.

Gráfico 9 - Auxílios que evitariam o fechamento das empresas



Fonte: SEBRAE (2020a, p. 37).

Além da questão macro, existem algumas causas de mortalidade das empresas que envolvem características dos empreendedores. Entre elas, destacam-se a falta de capacitação e a falta de planejamento. A título de exemplos, de acordo com SEBRAE (2021), das empresas criadas entre 2015 e 2019 e fechadas em 2020, 58% dos proprietários entrevistados não tinham elaborado plano de negócios (p. 20) e 64% não tinham feito qualquer capacitação (p. 26); fatores que colaboraram para o fechamento das empresas.

3 A crise econômica e a mortalidade de empresas

Como abordado na parte anterior, muitos fatores corroboram para o fechamento de empresas. Indiscutivelmente, as crises econômicas tendem a agravar o fato, a exemplo do que aconteceu com a Crise de 1929. Como descrevem Hunt e Sherman (2004), conhecida como A Grande Depressão, ela se manifestou no dia 24 de outubro de 1929, ocasião em que várias

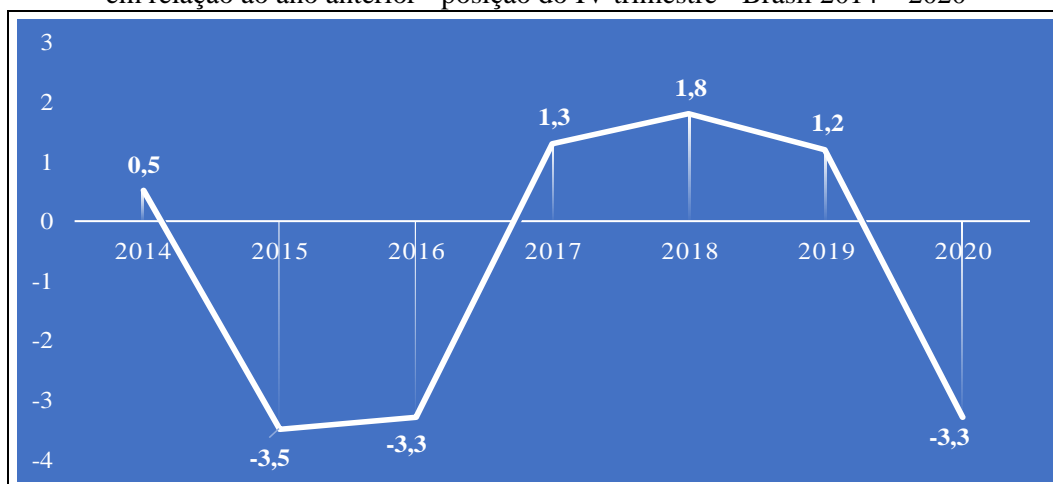
peessoas resolveram vender suas ações, o que provocou não só a queda no valor das ações de várias empresas, mas também a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Rapidamente, a crise financeira contagiou o lado real da economia e, por decorrência, vários bancos e empresas acumularam prejuízos, cortaram investimentos e demitiram funcionários, o que levou ao desemprego entre 12 e 15 milhões de pessoas nos EUA (Coggiola, 2015, p. 8).

O desemprego impactou negativamente o consumo, o que reduziu drasticamente a atividade econômica daquele país. Tanto é verdade que, segundo Hunt e Sherman (2004, p. 165), a atividade industrial foi reduzida a cerca de 50% e a atividade agrícola caiu para menos da metade no período. A crise se generalizou de tal modo que as falências se multiplicaram: de acordo com Hunt e Sherman (2004, p. 165), mais de 5 mil bancos suspenderam as suas atividades e 85 mil empresas registraram falência nos EUA entre 1929 e 1932.

Como desde o final da Primeira Guerra Mundial os EUA tinham se tornado uma grande economia, a crise se alastrou pelo mundo, provocando altíssimas taxas de desemprego em vários países, como na Inglaterra e nos EUA, que chegou a 25 %, na Dinamarca e Noruega, que registraram 31% e na Alemanha, onde o desemprego chegou a 44% (Hobsbawm, 1995, p. 106 apud Fedrigo, 2009, p. 131). Em todo o mundo, cerca de 14 mil instituições bancárias teriam fechado nas décadas de 1920 e 1930 (Monteiro, 2011, p.s.n.). Uma era de catástrofe, portanto, conforme intitulada por Hobsbawm (1995, p. 106 apud Fedrigo, 2009, p. 133).

Assim como outros países, o Brasil também foi afetado pela Grande Depressão. No período em questão, o Brasil era uma economia primário-exportadora e praticamente toda sua renda era provida através da exportação do café. Com a crise, as exportações de café e o seu preço caíram pela metade, o que levou à falência boa parte dos cafeicultores brasileiros (Fedrigo, 2009). Com a crise atual, a situação não parece muito diferente.

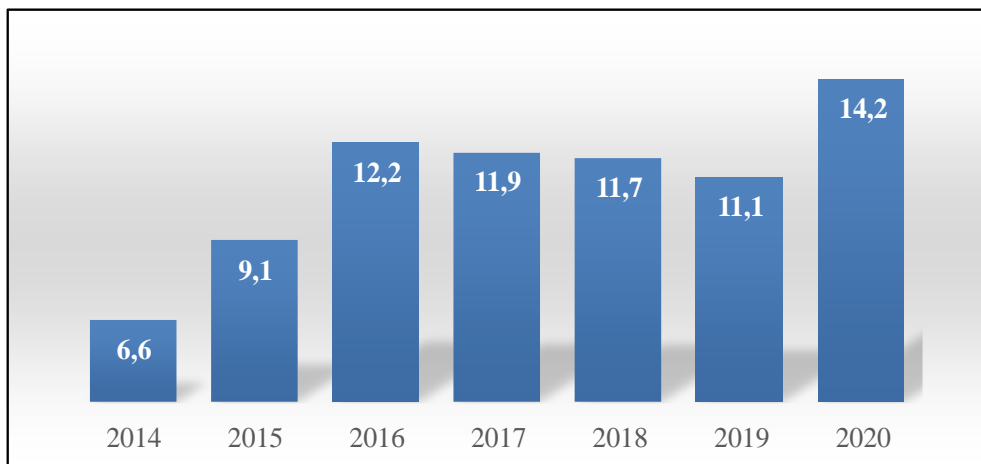
Gráfico 10 – Taxa acumulada de variação do índice de volume trimestral do PIB a preços de mercado em relação ao ano anterior - posição do IV trimestre - Brasil 2014 – 2020



Fonte: Adaptado IBGE/CNT (2022, tab. 5932).

Desde 2014 a economia brasileira vive um processo de crise, marcado pela queda no PIB e elevação da taxa de desemprego. Do lado do PIB, os dados das Contas Nacionais Trimestrais (CNT) do Instituto Brasileiro de Economia e Estatísticas (IBGE) indicam que após um crescimento para lá de modesto em 2014, o PIB caiu por dois anos consecutivos (- 3,5% em 2015 e - 3,3% em 2016). Como mostram os dados do Gráfico 10, no período 2017 – 2019, ele voltou a subir, mas insuficientemente para reverter a queda acumulada nos anos anteriores e, em 2020, ele volta a cair (-3.3%), sob o efeito da pandemia provocada pela Covid-19.

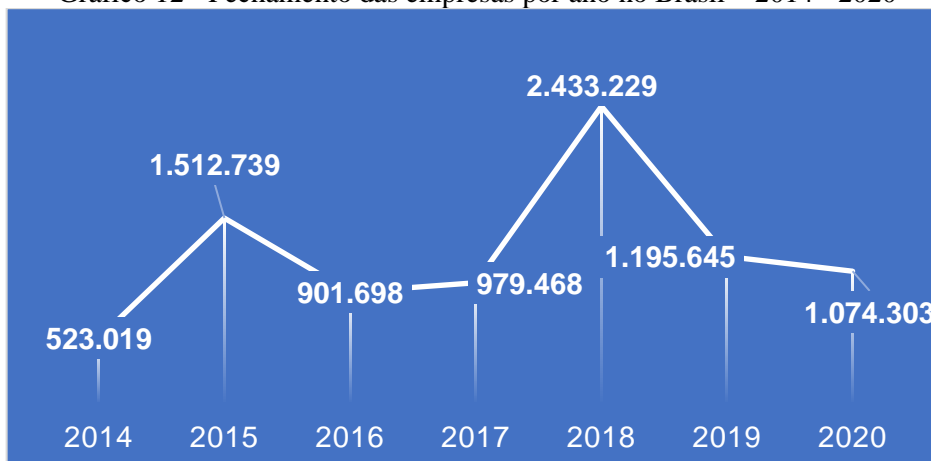
Gráfico 11 – Desemprego em % da PEA – Posição do IV trimestre - Brasil 2014 – 2020.



Fonte: IBGE/PNADCT (2023, tab. 4097).

O desemprego também ganhou notoriedade por conta da crise. A Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílios Contínua Trimestral (PNADCT) do IBGE revelou a taxa de desempregados no período de 2014 - 2020. Como pode ser visto no Gráfico 11, o desemprego cresceu de 6,6% em 2014 para 12,2% em 2016. Nos anos seguintes, iniciou uma tendência de queda, mas pouco expressiva, para voltar a crescer em 2020, quando atingiu a marca de 14,2%.

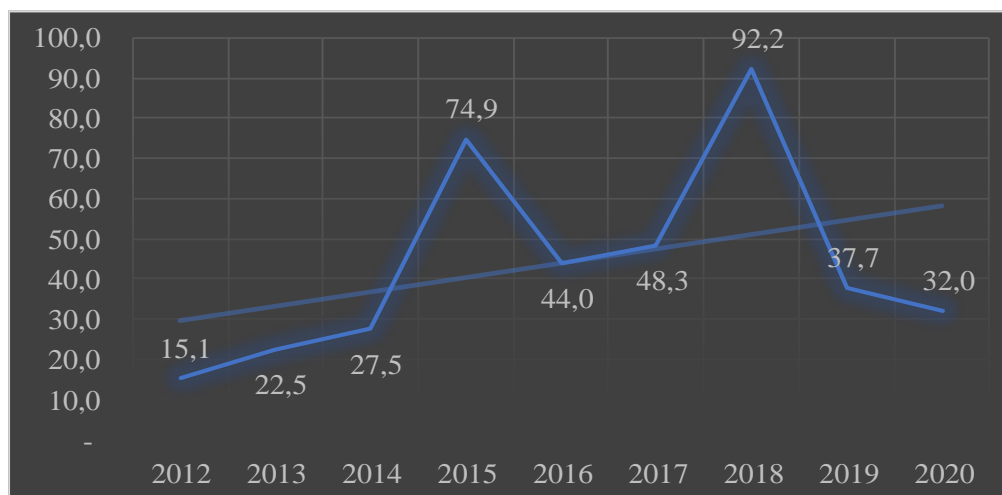
Gráfico 12 - Fechamento das empresas por ano no Brasil – 2014 - 2020



Fonte: Adaptado de IBGE/ME (2022, p. 3).

Em virtude da crise, o Brasil viveu um aumento do fechamento de empresas, como mostram os dados do MDICS, dispostos no Gráfico 12. Como pode ser visto, no período foram fechadas mais de 8,6 milhões de empresas no país. Os dados do Gráfico 13 mostram que houve, inclusive, um aumento na proporção de empresas fechadas em relação às empresas abertas a cada ano, de uma média de 18,8% no período 2012 – 2013 para 50,9% no período 2014 - 2020.

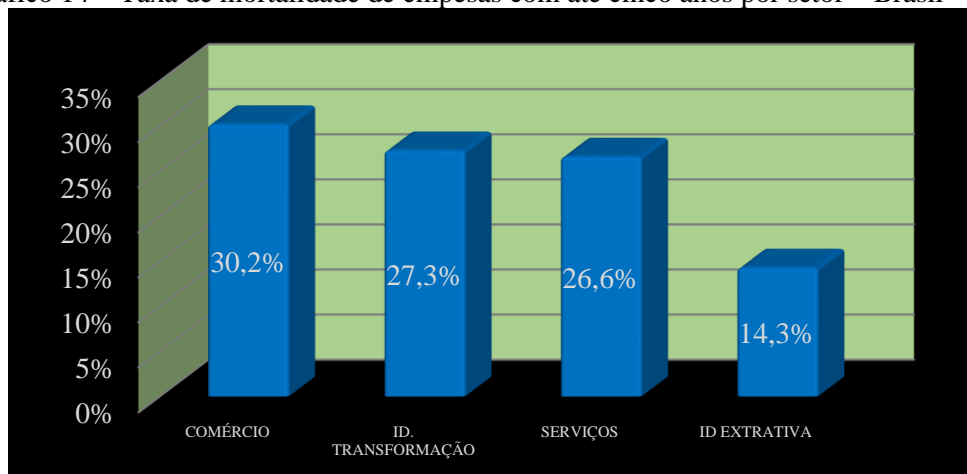
Gráfico 13 – Proporção (em %) do número de empresas fechadas em relação ao número de empresas abertas no Brasil – 2012 - 2020



Fonte: Adaptado de IBGE/ME (2022, p. 3).

O setor com maior taxa de mortalidade de empresas no Brasil é o setor de comércio, com aproximadamente 30,2%, seguido pela indústria de transformação com 27,3% e o setor de serviços, com 26,6%. Como ilustra o Gráfico 14, a menor taxa de mortalidade de empresas está no setor da indústria extrativa com 14,3%.

Gráfico 14 – Taxa de mortalidade de empresas com até cinco anos por setor – Brasil - 2020

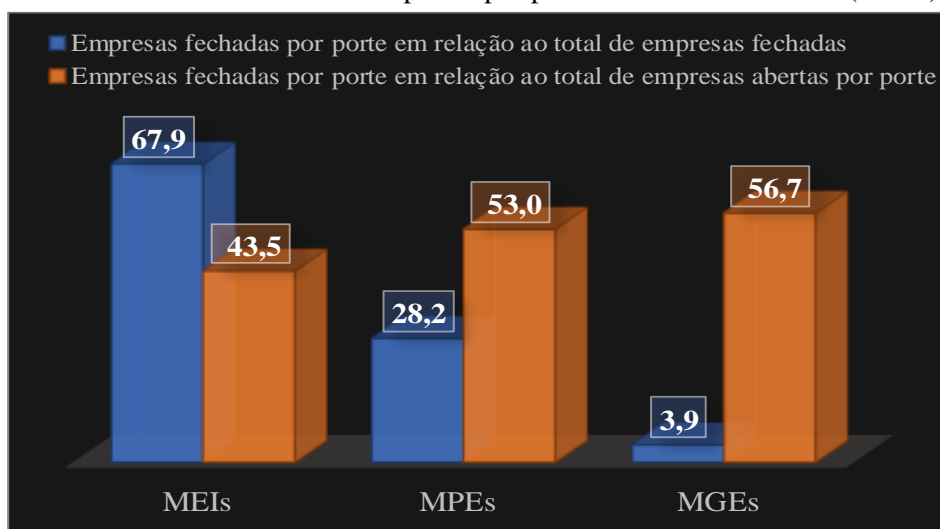


Fonte: Adaptado de SEBRAE (2022, p. 9).

Por porte, os MEIs foram os que mais fecharam no período 2014 – 2019, com 67,9% do total de empresas fechadas, seguidos pelas MPes, com 25,9%. Como pode ser visto no Gráfico

15, as MGEs foram as que menos baixaram as portas no período, com apenas 3,9% do total. Como pode ser visto também, a proporção do número de MPEs fechadas em relação ao número de MPEs abertas foi de 55.5%, uma situação inquietante, já que elas são responsáveis por cerca de 78% dos postos de trabalho no Brasil (SEBRAE, 2023, p.s.n.) e contribuem para a geração de 27,5% do PIB (SEBRAE, 2020b, p.s.n.) e, portanto, para a arrecadação tributária do governo.

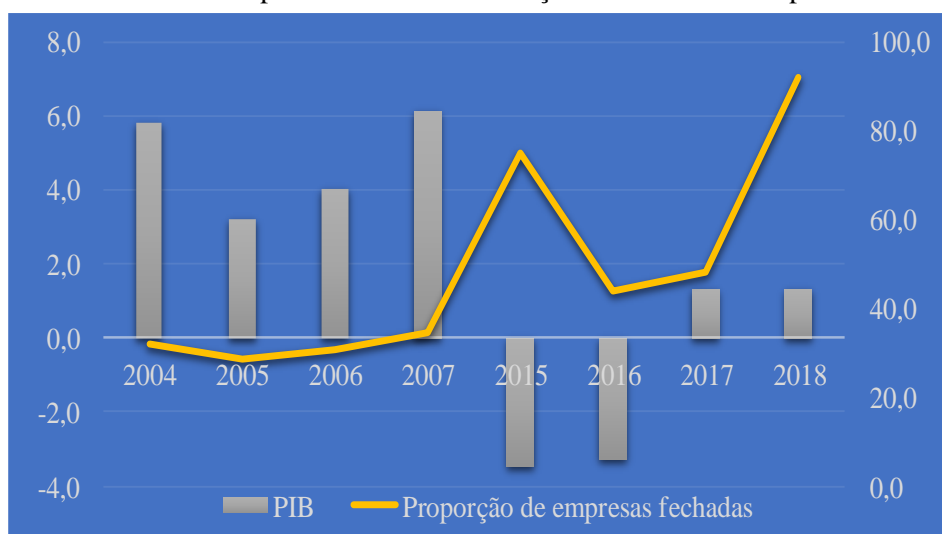
Gráfico 15 – Fechamento de empresas por porte – Brasil 2014 - 2020 (Em %)



Fonte: Adaptado de GOV (2023, p.s.n.).

Com a crise essas empresas acabam diminuindo a produção, o que prejudica toda a economia do país. A mortalidade dessas empresas acarreta prejuízos para a economia local, regional e nacional, pois, além de não gerar renda e aumentar o número de desempregados, aumenta o número de profissionais trabalhando na informalidade. A crise impacta diretamente as MPEs, pois elas não têm suporte para superar esse processo, o que resulta no seu fechamento.

Gráfico 16 – Percentual de empresas fechadas em relação ao número de empresas abertas no Brasil



Fonte: Adaptado de GOV (2023, p.s.n.) e IBGE/CNT (2022, tab. 5932).

Ao comparar dois períodos distintos, o Gráfico 16 reforça a tese de que a crise econômica tende a corroborar com o fechamento de empresas. Como pode ser visto, o período 2004 – 2007, marcado por taxas mais elevadas de crescimento do PIB, coincide com um percentual menor de fechamento de empresas em relação ao número de empresas abertas. No período 2015 – 2018 no qual a variação do PIB é menor ou negativa, o percentual de empresas fechadas em relação ao número de empresas abertas se eleva substancialmente, de uma média de 31,4% no primeiro período para 64,8% no segundo.

4 Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi avaliar se a crise econômica em curso no Brasil impactou sobre a mortalidade das empresas. Organizado em duas partes, a primeira contextualizou o tema, com uma análise do empreendedorismo no Brasil e mostrou que o país ocupa a nona posição no *ranking* mundial entre os países mais empreendedores do mundo, mas a primeira quando o assunto é a mortalidade de empresas, cujas causas se devem à falta de planejamento dos empreendedores, mas também a fatores macroeconômicos, como as elevadas taxas de juros cobradas pelos agentes financeiros. Falidos, os empreendedores ficam com sequelas como frustração e angústia.

A segunda parte mostrou que as crises econômicas tendem a agravar a tendência de fechamento das empresas, a exemplo do que aconteceu no período da Grande Depressão, na primeira metade do século XX. A partir de dados estatísticos, essa parte avaliou o impacto da crise vivida pelo Brasil no período 2014 – 2020 sobre as empresas. Como se viu, em virtude da crise, o Brasil viveu um aumento substancial do fechamento de empresas, com destaque para o setor de comércio. Quando considerado o porte das empresas, os MEIs e as MPes estão entre aquelas que mais fecharam as portas no período.

A conclusão foi que a crise econômica impactou sobre a mortalidade das empresas em geral, mas com maior ênfase sobre as MPes. Uma situação inquietante, sobretudo quando se leva em conta que as MPes são responsáveis pela geração de grande parte dos postos de trabalho formais no país, além de contribuírem para a geração do PIB e para a arrecadação tributária.

No Brasil existem leis de incentivos às MPes, como a Lei 123/2006, que criou o Simples Nacional. Não obstante, para reduzir a mortalidade empresarial seria preciso alterar a política de crédito, especialmente no que diz respeito aos juros cobrados pelas agentes financeiros. O

estudo também indicou que os micros e pequenos empreendedores carecem de qualificação, o que exige políticas públicas apropriadas e inovadoras.

Referências

- COGGIOLA, Osvaldo. **A Crise de 1929 e a Grande Depressão da Década de 1930**. Universidade de São Paulo, dez. 2015. Disponível em: Os economistas - A riqueza das nações (googleusercontent.com). Acesso em: 24 mar. 2023.
- FEDRIGO, Laerte et al. **Fragmentos de Memória**. 1º Ed. São Paulo: LPB, 2009.
- FERREIRA NETO, Macário Neri; PINHEIRO, Janaína Felix Diógenes. Fatores que contribuem para mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 7, jul. 2019, p. 11107-11122. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/2655/2663> Acesso em: 30 mar. 2023.
- GEM/IBQP - Global Entrepreneurship Monitor/Instituto Brasileiro de Qualificação Profissional. **Empreendedorismo no Brasil – relatório Executivo 2018**, 2018. Disponível em: Relatório Executivo - Brasil 2018 - web.pdf (ibqp.org.br). Acesso em: 19 abr. 2023.
- GOV- Empresas & Negócios. **Painéis do Mapa de Empresas**. 06 jul. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/mapa-de-empresas/painel-mapa-de-empresas>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- HUNT, Emery Kay; SHERMAN, Howard J. **História do Pensamento Econômico**. 21º Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- IBGE/DEEE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo. **Empreendedorismo no Brasil, 2022** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/servicos/22649-demografia-das-empresas-e-estatisticas-de-empreendedorismo.html> Acesso em: 31 de março de 2023.
- IBGE/CNT – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Contas Nacionais Trimestrais. IV Trimestre 2022. **Tabela 5932 - Taxa de variação do índice de volume trimestral**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5932>. Acesso em: 5 maio 2023.
- IBGE/ME - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/**Mapa das Empresas 2022**. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/mapa-de-empresas/boletins/mapa-de-empresas-boletim-3o-quadrimestre-2022.pdf> Acesso em: 30 de abril de 2023.
- IBGE/PNAD - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral. IV Trimestre 2022. **Tabela 4097 - Pessoas de 14 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por posição na ocupação e categoria do emprego no trabalho principal**. Disponível em:
- MDICS - Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Mapa de Empresas, Boletim do 3º quadrimestre/2022**. Publicado em 20 jan. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/mapa-de-empresas/boletins/mapa-de-empresas-boletim-3o-quadrimestre-2022.pdf>. Acesso em 04 abr. 2023.
- MONTEIRO, Síntia. **A Grande Depressão de 29**. 08 abr. 2011. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/a-grande-depressao-de-29>. Acesso em: 10 maio 2023.

SANTOS, Aurea Cruz; DORTEN, Débora; KITAGAWA, Edna; FEDRIGO, Laerte. O simples nacional e seus efeitos socioeconômicos sobre o empreendedorismo no Brasil.

V@rvItu – Revista de Ciência, Tecnologia e Cultura da FATEC Itu, N.º 11, julho de 2022, p. 108 - 123. Disponível em: https://issuu.com/varvitu/docs/vartvitu_edicao_11_julho_2022. Acesso em: 09 maio 2023.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - **Causa mortis** - O sucesso e o fracasso das empresas nos primeiros 5 anos de vida, 2014. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/SP/Anexos/causa_mortis_2014.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2023.

_____. **Estudo especial—O Financiamento das MPE no Brasil. 2017.** Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6d555c761caa55eb140fa14ebe276939/\\$File/7739.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6d555c761caa55eb140fa14ebe276939/$File/7739.pdf) Acesso em: 20 maio 2023.

_____. **Pesquisa sobrevivência das empresas. Relatório final 2020a.** Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1w8geGHR_gZpmEoV9iov4kcPSuvbZshTT/view?pli=1. Acesso em: 14 maio 2023.

_____. **Empresas. Micro e pequenas empresas geram 27% do PIB no Brasil.** SEBRAE, mercados e vendas, nov. 2020b. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil,ad0fc70646467410VgnVCM2000003c74010aRCRD#:~:text=As%20micro%20e%20pequenas%20empresas,empresas%20\(24%2C5%25\)](https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil,ad0fc70646467410VgnVCM2000003c74010aRCRD#:~:text=As%20micro%20e%20pequenas%20empresas,empresas%20(24%2C5%25).). Acesso em: 11 jan. 2023.

_____. Apresentação Executiva – **Pesquisa Sobrevivência de Empresas**, abr. 2021. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/FabrcioNazareno/pesquisa-sobrevivencia-empresaspdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

_____. CAFÉ com o presidente. **Pesquisa GEM 2022:** Número de empreendedores mais experientes volta a crescer, mesmo com reflexos da pandemia, 24 mar. 2022. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/03/sebrae-empreendedorismo-24mar2022.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.

_____. **MPEs geram cerca de oito a cada dez novos empregos criados em 2021.** SEBRAE, mercados e vendas, jun. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ma/noticias/mpes-geram-cerca-de-oito-a-cada-dez-novos-empregos-criados-em-2021,1e1fc0f4415ce710VgnVCM100000d701210aRCRD#:~:text=Das%20%2C7%20milh%C3%B5es%20de,por%20micro%20e%20pequenas%20empresas>. Acesso em: 30 jun. 2023.

VIECELI, Leonardo. Menos de 40% das empresas nascidas no Brasil sobrevivem após cinco anos. **Folha de São Paulo**, 22 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/10/menos-de-40-das-empresas-nascidas-no-brasil-sobrevivem-apos-cinco-anos.shtml>. Acesso em: 06 abr. 2023.